

## Tópico II: Confrontando a abordagem tradicional com outras perspectivas, (i): Os “termos da oração”

---

📖 DUARTE, M.E.L. (2007) **Termos da Oração**. In: VIEIRA S.R.& BRANDÃO, S. F. (Orgs.) Ensino de Gramática. Descrição e uso. São Paulo. Editora Contexto. pp. 186-204.

---

### Os núcleos da oração ou “predicadores”

“Todas as vezes que tentamos identificar os termos de uma oração que contenha um predicador verbal, como, por exemplo, “oferecer”, e perguntamos: “quem oferece”, “oferece o quê?”, “oferece a quem?” ou dizemos “alguém oferece alguma coisa a alguém”, estamos, na verdade, observando a estrutura argumental projetada pelo predicador ou, em outras palavras, estamos buscando entender qual é a seleção semântica que esse predicador faz”.

### Os predicadores verbais e seus complementos

Os predicadores verbais podem projetar as seguintes estruturas:

(1) estruturas com 3 argumentos:

- a. Ele deu o dinheiro aos pobres.
- b. Eu dividi o pão com os pobres.
- c. Eu levei as crianças ao colégio

(2) estruturas com 2 argumentos:

- a. Ele matou o pássaro.
- b. Isso interessa aos alunos.
- c. Eles acreditam em você.
- d. Eles moram no Rio.

(3) estruturas com 1 argumento:

- a. As crianças pulam.
- b. Chegou uma encomenda.
- c. \_\_ Houve muitas festas.

(4) estruturas sem argumento: \_\_ Choveu

(1a) Ele deu-o / o deu aos pobres.

(1b) Eu dividi-o / o dividi com os pobres.

(1c) Eu levei-as / as levei ao colégio

(1a) Ele deu-lhes / lhes deu o dinheiro.

(1b) \*Eu dividi-lhes o pão / Eu dividi o pão com eles.

(1c) Eu levei as crianças ao colégio / Eu levei as crianças lá.

(2a) O pássaro foi morto.

(1a) O dinheiro foi dado aos pobres.

(1b) O pão foi dividido com os pobres

(1c) As crianças foram levadas ao colégio.

(2a) O pássaro foi morto por ele.

(1a) O dinheiro foi dado aos pobres por ele.

(1b) O pão foi dividido com os pobres por ele.

(1c) As crianças foram levadas ao colégio por ele.

(2b) Isso interessa-lhe / lhe interessa.

(2c) \*Eles acreditam-lhe / lhe acreditam.



## O argumento externo

- (9a) Eles compraram [livros e cadernos].  
 (9b) Eles deram presentes [aos pais e (aos) filhos].  
 (9c) Eles pensam [em casar e (em) ter muitos filhos].

“Teríamos, então, uma proposta para classificar o sujeito que poderia ser assim delineada: (a) quanto à forma (estrutura), o sujeito pode vir expresso ou não expresso; (b) quanto à referência (seu conteúdo, seu valor semântico), o sujeito pode ter referência definida, indefinida ou não ter qualquer referência”:

Referência	Forma	
	Não expresso	Expresso
Definida	__ Fui/ __ Fomos/ __ Foram ao teatro. ontem.	<b>Eu/Nós/As meninas/Elas</b> foram ao teatro ontem
Indefinida	__ Roubaram as rosas do jardim.	<b>Eles</b> estão assaltando nesse bairro.
	__ Precisa <b>mos</b> de ordem e progresso.	<b>Nós</b> precisamos de ordem e progresso.
	__ Não usa mais máquina de escrever.	<b>A gente</b> precisa de ordem e progresso.
	__ Vende apartamento.	<b>Você</b> vê muito comércio no centro.
Sem Referência	__ Choveu muito.	__
	__ Fez frio.	__
	__ Houve confusão.	__

- (10a) O João esteve aqui ontem. \_\_ **Disse** que vai emigrar para Portugal.  
 (10b) O João esteve aqui ontem. **Ele** disse que vai emigrar para Portugal.

“Os sujeitos de referência “indeterminada” são hoje preferencialmente “expressos” na fala, seja pelo pronome “eles” seja por “a gente” e principalmente por “você”. Há, entretanto, uma estrutura com o verbo na terceira pessoa do singular, capaz de indeterminar o argumento externo. Vejam-se os exemplos”:

- (11a) Não usa mais máquina de escrever.  
 (11b) Vende apartamento.

“Sabemos que há um argumento externo mas não podemos identificá-lo.”

- (12a) \_\_ Vive-**se** mal nas grandes cidades. (Quem vive mal?)  
 (12b) \_\_ Precisa-**se** de ordem e progresso. (Quem precisa de ordem e progresso?)

- (13a) Não **se** usa mais máquina de escrever.  
 (13b) Vende-**se** apartamento.

- (14a) Não se **usam** mais [máquinas de escrever].  
 (14b) Vendem-**se** [apartamentos].

“Podemos então concluir que o pronome “se” é sempre usado para indeterminar o argumento externo, seja numa construção ativa (em que o sujeito indeterminado é o próprio argumento externo) seja numa construção passiva (em que o argumento interno funciona como sujeito gramatical). A diferença, então, entre o uso de “se” apassivador e “se” indeterminador está na interpretação sintática que o usuário da língua dá ao argumento interno dos verbos transitivos diretos.”

- (15a) \_\_ Não se **usa** mais [máquinas de escrever].  
 (15b) \_\_ **Vende-se** [apartamentos].

## Os adjuntos adverbiais

(18) [Ontem], [no centro da cidade], ele deu o dinheiro aos pobres [por causa de uma promessa].

GT (NGB)	GT (Rocha Lima)	Mateus <i>et alii</i> (2003)
Objeto Direto	Objeto Direto	Objeto Direto
Objeto Indireto	Objeto indireto (dativo) Complemento relativo	Objeto Indireto (dativo) Oblíquo nuclear
Agente da passiva	Agente da passiva	Oblíquo nuclear
Adjunto adverbial	Complemento Circunstancial Adjunto adverbial	Oblíquo nuclear Oblíquo não nuclear

## Os outros “termos”

“adjuntos adnominais”, “apostos”, “complementos nominais”...

(19) O mito da era Kennedy, do domínio encantado de um rei guerreiro e sábio, bonito e justo sobreviveu a todas as revisões de uma presidência discutível. (Veríssimo, O Globo, 21.07.99)

Quem sobreviveu?

[SN O **mito** da era Kennedy, do domínio encantado de um rei guerreiro e sábio, bonito e justo]

Sobreviveu a quê?

[SP a todas as revisões de uma presidência discutível]

[alguém] sobreviveu [a alguma coisa]

## Sobre as implicações da organização dos termos na oração

“Neste capítulo, tivemos a preocupação de rever os termos da oração, resgatando a tradição gramatical e chamando a atenção para uma análise que leve em conta a estrutura projetada pelo(s) predicador(es). Vimos que os predicadores verbais e nominais são os responsáveis pela projeção da oração, isto é, selecionam os argumentos. Articulam-se ainda aos predicadores os adjuntos adverbiais (ou oblíquos não nucleares). Não nos detivemos na forma pela qual as palavras se organizam em sintagmas e estes em orações e estas em períodos e estes no texto”.

Uma última palavra, porém, deve ser dita sobre essa arquitetura da oração. No momento em que as palavras se organizam em sintagmas e estes, em orações, estabelecem-se relações de concordância, de regência e de ordem. A concordância nominal e verbal deixa explícita a relação de dependência (subordinação) (a) entre os elementos que se articulam com o substantivo para determiná-lo, quantificá-lo ou modificá-lo e (b) entre o verbo e seu sujeito, respectivamente. O verbo, por sua vez, rege/comanda seu sujeito e seu objeto direto, atribuindo-lhes caso nominativo e acusativo, respectivamente, enquanto a preposição rege/comanda o SN que se encontra dentro de um SP. A ordem, que em nossas gramáticas fica em geral restrita à colocação dos clíticos (pronomes átonos) e é baseada até os dias atuais na ordem lusitana, ultrapassa esse fenômeno. Ela deveria tratar da ordenação dos elementos dentro do sintagma (a ordem do adjetivo, por exemplo, dentro do SN) e desses na oração (a ordem dos argumentos em relação ao seu predicador, a ordem dos adjuntos) e dessas no período”.

## Preparação para a próxima sessão:

Análise as sentenças tratadas no texto de M.E. Duarte a partir da consulta às seguintes gramáticas:

- 📖 BECHARA, E. (1999). *Moderna Gramática Portuguesa*. Edição revista e ampliada. R. de Janeiro: Editora Lucena.
- 📖 CUNHA, C. & CINTRA, L. (2001) *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 3 ed. revista. R. de Janeiro: Nova Fronteira.
- 📖 ROCHA LIMA, C. H. da (2003). *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 43a ed. Rio de Janeiro: José Olympio.